

Contribuições do pensamento de Marx e Gramsci para a educação escolar

Contributions of Marx and Gramsci thought to school education

Contribuciones del pensamiento de Marx y Gramsci a la educación escolar

Recebido: 24/12/2019 | Revisado: 22/01/2020 | Aceito: 14/02/2020 | Publicado: 20/02/2020

Rômulo Vieira de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9742-4189>

Universidade Federal do Ceará, Brasil

E-mail: rmlvieiradeoliveira@gmail.com

Wanderson Diogo Andrade da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9583-0845>

Universidade Federal do Ceará, Brasil

E-mail: wandersondiogo@hotmail.com

Resumo

Neste estudo, de cunho teórico, apresenta-se uma análise da proposta de educação nas obras de Karl Marx e de Antonio Gramsci. A partir das leituras tecidas, compreende-se no ideal marxiano uma pedagogia engajada na transformação da sociedade atual e vinculada aos interesses da classe trabalhadora, sendo visível a proposta de emancipação humana pelo viés educativo. Já Gramsci apresenta a proposta da escola unitária com ideais humanistas e revolucionários.

Palavras-chave: Educação; Escola Unitária; Práxis; Trabalho.

Abstract

This theoretical study presents an analysis of the education proposal in the works of Karl Marx and Antonio Gramsci. From the woven readings, we understand in the Marxian ideal a pedagogy engaged in the transformation of current society and linked to the interests of the working class, being visible the proposal of human emancipation through the educational. Gramsci presents the unitary school proposal with humanist and revolutionary ideals.

Keywords: Education; Unitary School; Praxis; Work.

Resumen

Este estudio teórico presenta un análisis de la propuesta educativa en los trabajos de Karl Marx y Antonio Gramsci. A partir de las lecturas tejidas, entendemos en el ideal marxista una pedagogía comprometida con la transformación de la sociedad actual y vinculada a los intereses de la clase trabajadora, siendo visible la propuesta de emancipación humana a través del sesgo educativo. Gramsci presenta la propuesta escolar unitaria con ideales humanistas y revolucionarios.

Palabras clave: Educación; Escuela unitária; Praxis; Trabajo.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar a proposta de educação nas obras de Karl Marx e de Antonio Gramsci a partir da proposta da Escola Unitária. O trabalho é de cunho teórico e apresenta categorias dos autores indicados acima que se ligam à educação. Nesse enfoque, o artigo estrutura-se em três pontos: a contextualização dos autores e suas obras; a proposta de Marx e de Gramsci no campo educacional; e a escola unitária como um elemento que propunha uma transformação da sociedade italiana do século XX para romper as estruturas do mundo capitalista.

Karl Marx não tem uma obra voltada especificamente para a área da educação, porém suas compreensões teóricas ligadas ao conceito educativo, nos seus diversos textos, fizeram com que comentadores de suas obras analisassem que o alemão faz a defesa de um processo educacional de caráter humanizado, com uma atuação em busca da emancipação do ser humano. Além disso, é uma proposta que ultrapassa o ambiente escolar e defende a luta por um novo modelo de sociedade. Vale ressaltar também que, além de compreender que tipo de educação Marx defendia, pretendemos apontar elementos para superar a educação mercantilizada imposta pelo Estado capitalista burguês. Dessa maneira, o projeto aqui defendido de método de pesquisa é o que demanda que “a ciência proletária é uma forma de transição para a ciência comunista, a ciência da sociedade sem classes, que poderá atingir um grau muito maior de objetividade, porque o conhecimento da sociedade deixará de ser a entrada em jogo de uma luta política e social” (LÖWY, 2018, p. 40-41).

Já Gramsci constrói sua análise tendo a teoria marxista como pano de fundo, avançando inclusive em algumas questões práticas, como a proposta da escola unitária. Essa leitura gramsciana da obra de Marx, porém não se apresenta como uma sobreposição do pensamento marxista, pois traz elementos que se aproximam do filósofo alemão, como a defesa do trabalho e de uma espécie de práxis na construção da escola unitária.

Nesse sentido, afirmamos que os princípios gerais que regem a educação de Marx e Gramsci ditam as ações buscando uma pedagogia revolucionária e humanizadora. Vale ressaltar que Gramsci e Marx viveram em períodos históricos diferentes e que as lutas sociais e problemas conjunturais de cada época têm clara distinção. A partir daí, compreende-se que Marx traz questões pertinentes à defesa de uma educação vinculada a três elementos: “o trabalho, a escola e a práxis político-educativa” (SOUSA JÚNIOR, 2011, p. 56).

Já Gramsci, utilizando algumas categorias marxistas, avança na sua análise e propõe um novo tipo de escola, numa Itália em que as reformas gentílicas comandavam o início do século XX, junto a um ideal de caráter fascista sob liderança de Benito Mussolini. Para reverberar o ideal de mudança, Gramsci (2004, p. 49) alertava que “o aspecto paradoxal reside em que este novo tipo de escola aparece e é louvado como democrático, quando na realidade, não só é destinado a perpetuar as diferenças sociais, como ainda a cristalizá-las em formas chinesas.”

Diante do exposto, é importante compreender o contexto ao qual Marx e Gramsci estavam inseridos e suas respectivas propostas de superação da ordem capitalista. Posteriormente, será analisada a escola unitária como uma proposta que superaria a fragmentação imposta pela sociedade capitalista e levaria o homem a um desenvolvimento humano com um trabalho manual e intelectual não exploratório.

2. Marx e a educação

Trabalhar a categoria educação em Marx determina uma trajetória de questionamento ao ensino vigente após a crescente onda liberal no mundo atual e também propor um modelo educativo com caráter de mudança, buscando emancipar os sujeitos históricos que integram a sociedade. Para que se tenha uma análise minuciosa da escrita sobre a educação, seguiremos o tripé citado anteriormente vinculado ao trabalho, à escola e à práxis.

Para o introito do tópico, abordaremos a categoria trabalho. Em Marx (2013), o trabalho aparece como ponto marcante porque diferencia os homens dos animais. Essa diferença apresenta o trabalho como elemento que possibilita a transformação da natureza. É importante assinalar o trabalho como uma condição histórica do ser humano e isso independe de contexto histórico, pois ele é um processo de produção de base material na sociedade. Assim, compreende-se que ao transformar a natureza, o indivíduo transforma a sua própria figura e toda a sociedade que ele convive.

A educação, nesse sentido, se dá também pelo trabalho:

E o trabalho é princípio educativo porque é através dele que o ser humano produz a si mesmo, produz a resposta às necessidades básicas, imperativas, como ser da natureza (mundo da necessidade), mas também e não separadamente às necessidades sociais, intelectuais, culturais, lúdicas, estéticas, artísticas e afetivas (mundo da liberdade). (FRIGOTTO, 2009, p. 72).

Diante disso, o trabalho assume uma característica formativa do ser nas diferentes áreas humanas, porém as questões históricas do capitalismo levaram os sujeitos a terem sua força de trabalho dominada pela exploração. Assim, Nosella (2007) ressalta uma clara diferença entre o trabalho da burguesia de caráter alienado com o trabalho defendido pelo conceito marxiano que se interliga à existência humana, já que a escola entraria como um elemento que ensina o homem a dominar a natureza no sentido humanizado e não predatório em conciliação com os seres humanos.

O trabalho na sociedade capitalista mais aprisiona que liberta. Além disso, é o ponto marcante para exploração da classe burguesa sobre a proletária. A partir dessas problematizações, dois termos precisam ser diferenciados na obra de Marx: o de unilateralidade e o de omnilateralidade. Para Marx (2004), o homem internaliza a alienação a partir da divisão do trabalho e, assim, torna-se um homem unilateral e inacabado - característica marcante na sociedade burguesa. Já a questão omnilateral aparece na proposta marxiana como uma solução para sair da educação que o capitalismo e suas relações impõem, defendendo um fazer-se do homem na totalidade material e espiritual, pois só assim a questão da divisão do trabalho perderia a sua influência. Nesse pensamento, o homem cria o seu ser social e se realiza de maneira completa nele sem uma imposição da sociedade burguesa que molda um ser alienado.

É perceptível ainda que o principal ponto da questão omnilateral está vinculado à defesa da superação do capitalismo. Dessa maneira, compreende-se que o surgimento de uma nova sociedade sem exploração e sem classes é o princípio que deve ser buscado para uma nova ordem mais igualitária, pois é inimaginável uma proposta que conjuga materialização do homem por completo na sociedade no mundo capitalista. Vale ressaltar que a construção de uma educação não estranhada e transformadora para formar um novo homem será feita no seio da sociedade capitalista, pois de forma dialética o homem, com nova consciência, irá surgir em conjunto com a emancipação humana.

É a união da educação com o trabalho produtivo que levaria ao sujeito o conhecimento historicamente elaborado na sociologia, filosofia, intelectual e na perspectiva moral e cívica. Tais elementos seriam intercalados com uma formação política e uma escola politécnica omnilateral que teria o papel de apontar elementos alternativos às relações sociais classistas.

Já a categoria escola é comumente influenciada por questões da sociedade que ela está inserida. Sendo o berço de políticas que legitimam o capital, como alerta Sousa Júnior (2011, p. 175):

A escola, tal como estrutura na modernidade, é uma instituição burguesa, no sentido de que é nascida do ventre da sociedade do capital, se vincula o ideário democrático-burguês e toma parte na dinâmica produtiva e reprodutiva dessa sociedade. Portanto, a escola como microestrutura da sociedade burguesa relaciona-se através de redes complexas, tensas e contraditórias com a dinâmica social maior. Toda a autonomia relativa e suas contradições não permitem, todavia, transformar a escola, como sistema nacional de ensino, em instituição antagonista às diretrizes fundamentais do metabolismo social ao qual se vinculada.

Assim, compreendemos que a escola marxiana deve ter um novo método, seja no ensino das disciplinas, seja na verdadeira formação do indivíduo. Para isso, o homem tem que estar no centro do processo educativo, combinando a educação ao trabalho, pois, por exemplo, as disciplinas de física, línguas, artes, dentre outras, deveriam estar conjugadas com a relação diária que aquele indivíduo teria com a produção nas fábricas.

Vale salientar ainda que a escola, além de ser o local que serve para a busca dos conteúdos, pode ser vinculada à formação de caráter emancipador humano, porém a formação por completo do ser revolucionário, ou seja, que irá lutar por uma nova sociedade deve ser feita em diferentes órgãos da sociedade, como nos estabelecimentos sindicais, por exemplo. Para complementar a formação do professor, dos alunos e dos diversos entes escolares, a matéria conceitual teórica carregada pelo ser humano deve se conectar à ação diária transformadora.

Tomadas em conjunto, as categorias trabalho e escola demonstram que o recinto educacional socialista seria o local em que homem transformaria a natureza exterior através do trabalho e, por consequência, transformaria a si mesmo, afinal é um produtor da existência material. Assim, essas escolas trabalhariam a compreensão pela ótica do trabalho para se chegar a uma educação emancipadora.

Nesse sentido, a última categoria a ser trabalhada é a da práxis político-educativa como um elemento extremamente influenciador para o surgimento de uma nova educação e, por conseguinte, de uma nova sociedade. Nada como unir a teoria e a prática revolucionária para prover mudanças marcantes na sociedade e formatar uma dialética construtiva sobre as condições que alienam e não humanizam a sociedade.

Autores importantes como Vásquez (2011, p. 120) trouxeram contribuições que elucidaram diversos pontos em relação à práxis:

O proletariado está destinado historicamente a libertar-se por meio de uma revolução radical que implique a negação e supressão de si mesmo como classe particular e a afirmação do universo humano. Situado o problema no marco específico que agora nos interessa, o que Marx nos diz é que o proletariado não pode emancipar-se sem passar da teoria a práxis. Nem a teoria por si mesma pode emancipá-lo, nem sua existência social garante por si só sua liberação. É preciso que o proletariado adquira consciência de sua situação, de suas necessidades radicais e da necessidade e condições de sua liberação. Essa consciência é justamente a filosofia; mais exatamente, sua filosofia.

A práxis demarca o ápice da política educacional emancipadora, de modo que sem esses elementos o ser humano não sairá da condição de explorado. Assim, compreende-se que o caminho para se chegar à práxis revolucionária passa pela compreensão dos elementos que limitam a participação do ser na sociedade. Aqui, cabe analisar que ao perceber-se como um ser dominado pela produção burguesa, o trabalhador deve atingir o pensamento consciente com a ação real para se chegar à revolução. É evidente que os mecanismos que atingiriam e moldariam um novo ser seriam trabalhados no decorrer do processo revolucionário.

A partir de tais questões suscitadas anteriormente, Konder (1992, p. 115) define que:

A práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa de reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática.

Compreendemos que a práxis no sentido de Marx ultrapassa o simples ato de praticar a ação. Ela, na sua relação dialética da história, ultrapassa os fundamentos teórico-práticos e institui um novo tipo de sociedade. Dessa forma, a práxis deve influenciar dois importantes pontos em relação à questão da educação. O primeiro refere-se à luta por uma educação que não subjugue o proletário a um ensino marcadamente liberal e o segundo refere-se à consciência atingida pelos grupos proletários para mudar a sua condição social e também libertar-se da sociedade capitalista burguesa que sobrepõe uma classe à outra.

O ápice prático de mudança seria construído por uma sociedade marcadamente contrária ao capitalismo:

O comunismo aparece, por sua vez, como uma solução não utópica, e sim científica, isto é, a solução que corresponde a certas condições históricas e sociais, no marco das quais a ação dos homens-como revolução proletária- tem um fundamento histórico, real e objetivo (VÁSQUEZ, 2011, p. 157).

A defesa de uma sociedade comunista é o aspecto comprovadamente real de que novas relações podem ser fundadas e o proletariado poderá sair da condição de exploração, de modo que as forças de produção capitalista perderiam seu poder e, de forma consciente, após uma educação emancipadora, o trabalhador faria a revolução e mudaria o contexto sócio-histórico

que estava inserido. Assim, a sociedade emancipada se faria presente transformando os seres humanos e fugindo do tom egoísta e competitivo do mundo capitalista.

Os três elementos que guiam a defesa de uma educação transformadora marxiana até aqui apresentados oportunizam pensar uma nova abordagem de sociedade com o rompimento da ordem dominante capitalista que diminui as potencialidades humanas em busca do lucro e nos liga a relações de profunda desigualdade.

Diante do exposto, é importante compreender que Gramsci traz uma proposta de escola transformadora. A partir disso, o tópico a seguir busca tratar a proposta da escola unitária e o papel do professor no pensamento de Gramsci.

3. Gramsci e a escola unitária

Logo após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com a ascensão do fascismo¹ entre as décadas de 1920 e 1940 com o líder Benito Mussolini, o duce, Gramsci foi preso por ter atuação contestatória ao novo regime italiano. Após ter sido encarcerado e censurado, Gramsci teve atuação marcante na escrita, produzindo uma série de textos, como os *Cadernos do Cárcere*², que foram traduzidos e publicados em diferentes países, focando seu cronograma crítico educativo com a proposta de uma escola unitária. É nesse momento que a luta dos trabalhadores ganhará força, pois os ideais comunistas serão tomados pelos camponeses e operários urbanos para concretizar um processo revolucionário com os proletários chegando ao poder.

A proposta de Gramsci de uma escola unitária surge a partir do momento em que as reformas gentílicas ganharam força na Itália. Giovanni Gentile foi um filósofo italiano que atuou como ministro da educação no governo fascista e implantou novas leis educacionais e

¹ A definição de fascismo presente nesse texto liga-se ao movimento que aconteceu na Itália e ampara-se num “[...] sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; por objetivos de expansão imperialista, a alcançar em nome da luta das nações pobres contra as potências plutocráticas; pela mobilização das massas e pelo seu enquadramento em organizações tendentes a uma socialização política planificada, funcional ao regime; pelo aniquilamento das oposições, mediante o uso da violência e do terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa; por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais” (SACCOMANI, 2010, p. 466).

² São 33 cadernos do cárcere que foram escritos entre 1929 e 1935. Alguns dos cadernos ficaram incompletos. Os cadernos foram divididos em três fases de escrita: a primeira de 1929 a 1931, a segunda entre 1931 até 1933 e a terceira foi redigida de 1933 a 1935. É no caderno 12, escrito em 1932, que Gramsci apresenta a proposta da escola unitária (NOSELLA, 2010).

curriculares. É justamente nesse momento de alterações na educação italiana que Gramsci faz a crítica e propõe mudanças tanto na escola elementar, como na média e na superior.

A resposta é: na e pela escola tradicional, atualmente em crise, que no passado foi a sementeira de todos os intelectuais tradicionais que molecularmente mantêm as massas fora da aliança revolucionária. Sem dúvida, foi uma escola funcional, organicamente imbricada à sociedade tradicional e hegemonicamente eficiente. A industrialização pôs em crise essa escola de cultura humanista “desinteressada”, trazendo sua própria escola “interessada”, profissionalizante, técnica e ideologicamente imediatista [...] (NOSELLA, 2010, p. 177).

O filósofo da Sardenha questionava o princípio da escola que se formou na Itália durante o regime ditatorial, criticando claramente o ideal de formar alunos que seriam destinados à labuta industrial exploratória. Gramsci (1989) aponta haver uma separação de classes, pois a escola para o filho do proletário era voltada para a instrução ligada ao trabalho, já a escola para a elite italiana tinha uma prática de ensino bem mais completa em relação à quantidade e à qualificação das disciplinas.

A proposta educativa do autor é baseada num ideal humanista na essência objetivando transcender todos os conceitos tradicionais deste termo. Segundo Nosella (2010), o termo humanístico compreendido por Gramsci relaciona-se com o marcante Renascentismo italiano, entre meados do século XIV e fim do século XVI, no sentido de que o homem renascentista ligado à abordagem antropocêntrica é um elemento que conecta a elevada cultura às transformações técnicas e artísticas ligadas aos elementos naturais e materiais.

Nesse sentido, Gramsci (1989) estuda a possibilidade de uma escola voltada para o desenvolvimento da cultura geral no indivíduo:

O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social. O princípio unitário, por isso, refletir-se-á em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo (p. 125).

Percebe-se que na escola defendida por Gramsci, as relações do trabalho devem estar conectadas ao aspecto mais amplo da vivência social. Assim, a escola unitária tem o objetivo de atingir todos os níveis de cultura. Foi nesse cenário que Gramsci (1989) delineou alguns conceitos importantes da sua análise de escola unitária, cujo primeiro representa a “escola desinteressada” que traz à tona o ideal de que toda escola deve ligar o seu interesse não apenas a um grupo ou indivíduo, mas ao ponto coletivo, ou seja, toda a sociedade.

Nesse sentido, uma educação que rompa com a tradicional separação que existia na Itália, de escola profissional e técnica com a escola clássica, faz-se necessária. Com efeito, essas duas práticas de educação descritas existem através de tensionamentos diários entre a

classe dominante e os subalternos, pois o modelo clássico interliga-se à classe que é a dona do modo de produção, enquanto o modelo profissional é indicado às classes instrumentais (GRAMSCI, 1989).

Outro fator importante em relação à escola unitária é que ela coloca o Estado como o órgão responsável por manter os investimentos em educação. Nesse sentido, Gramsci (1989) explica a preferência da atuação estatal:

A escola unitária requer que o Estado possa assumir as despesas que hoje estão a cargo da família, no que toca à manutenção dos escolares, isto é, que seja completamente transformado o orçamento da educação nacional, ampliando-o de um modo imprevisto e tornando-o mais complexo: a inteira função de educação e formação das novas gerações torna-se, ao invés de privada, pública, pois somente assim pode ela envolver todas as gerações, sem divisões de grupos ou castas (p. 121).

A escola unitária deve ser interligada vitalmente a uma sociedade unitária, pois como projeto concreto pela busca da igualdade, todos os organismos seriam transformados, surgindo uma nova vida social no contexto do Estado (NOSELLA, 2010). A partir disso, percebemos que Gramsci (1989) propôs um momento pedagógico ligado ao ideal democrático:

[...] a tendência democrática, intrinsecamente, não pode consistir apenas em que um operário manual se torne qualificado, mas em que cada cidadão possa se tornar o “governante” e que a sociedade o coloque ainda que “abstratamente”, nas condições gerais de poder fazê-lo: a democracia política tende a fazer coincidir governantes e governados (no sentido de governo com o consentimento dos governados), assegurando a cada governado a aprendizagem gratuita das capacidades e preparação técnica geral necessárias ao fim de governar (p. 137).

Dessa forma, a educação tem um teor transcendente, pois a escola unitária sendo praticada traria uma possibilidade de participação da classe proletária no ato de governar, porém isso só aconteceria quando o governado (proletário) tivesse a preparação necessária para tal atividade. A escola unitária, nesse caso, tem sua atuação ligada à emancipação da classe trabalhadora. Compreende-se, assim, a intenção de Gramsci em propor uma escola unitária transformadora no meio político e social através de uma conjunção da formação humanística e profissional.

Para atingir o ideal de emancipação social, ou seja, o ideal materialista histórico de transformação deve existir um processo educativo. Vale destacar que isso ocorrerá já na infância até chegar às fases mais avançadas. Um pilar que contribui para atingir o princípio educativo de Gramsci (1989) é o trabalho. Assim,

Pode-se dizer, por isso, que o princípio educativo sobre o qual se baseavam as escolas elementares era o conceito de trabalho, que não se pode realizar em todo seu

poder de expansão e de produtividade sem um conhecimento exato e realista das leis naturais e sem uma ordem legal que regule organicamente a vida recíproca dos homens, ordem que deve ser respeitada por convenção espontânea e não apenas por imposição externa, por necessidade reconhecida e proposta pelos próprios homens como liberdade e não por simples coação (p. 130).

Na leitura do autor, o trabalho deve ser visto não como princípio da vida do trabalhador na sociedade capitalista que o explora por imposição, mas como um elemento constitutivo da atividade humana natural e da organização coletiva consciente. Logo, o que seria trabalhado na escola unitária estaria ligado a um conceito de trabalho natural. Nesse contexto, há a necessidade da superação do capitalismo e o papel da escola unitária seria o de formar os intelectuais que serviriam para romper com essa ordem imposta, assim como aconteceu com a superação do mundo medieval para o mundo moderno (MANACORDA, 2008).

Outro elemento na formação da escola unitária é o professor como elo necessário para combinar dois fatores: a instrução e a educação. O trabalho do professor é essencial, pois é o que pode mediar as diferenças entre sociedades e culturas na sala de aula, sendo importante na análise da compreensão da realidade de cada aluno (GRAMSCI, 1989).

É necessário lembrar que no momento em que Gramsci cita a questão da instrução e da educação, faz-se uma crítica à pedagogia idealista. Para os idealistas ou defensores da pura educabilidade, a instrução e a educação são fatores que caminham separados. Já Gramsci (1989) coloca a instrução e a educação como elementos coligados, pois compreende a prática discente como algo inquieto, não sendo mecânico nem inerte. Cabe ressaltar o papel do professor como o guia para a busca da realidade concreta, ou seja, o que levará a união da educação e da instrução para afugentar-se do ideal abstrato e retórico.

Analisando o contexto da escola italiana da época, Gramsci (1989) classifica a luta contra a velha escola como árdua, pois exige uma complexa transformação nas ações humanas. Assim, o papel do professor se torna essencial na construção de uma nova escola, sendo que os programas formativos tradicionais devem ser abolidos para a formação de um docente ligado à uma educação que emancipe e transforme. Cabe diferenciar o papel do professor medíocre ou mediano, que é aquele que instrui, porém não eleva a percepção do estudante à máxima do conhecimento culto, do papel do docente que possibilita a emancipação.

A linha de pensamento de Gramsci (1989) traz o professor, ou melhor, o corpo docente coletivo como um elemento central na reestruturação do papel da escola e também como o elo para atingir uma educação que transforme as relações sociais e, por sua vez, a

emancipação humana.

4. Considerações finais

As reflexões de Gramsci e Marx sobre as questões educacionais têm aproximações, pois ambas apontam para uma proposta de cunho emancipador do ser. As contribuições de Marx na área educacional ultrapassam questões tradicionais e formais presentes no cotidiano da sociedade capitalista e são de extrema importância para a compreensão do elemento educativo. Assim, compreende-se no ideal marxiano uma pedagogia engajada na transformação da sociedade atual e vinculada aos interesses da classe trabalhadora.

Já a educação em Gramsci, pensada a partir da escola unitária, tem sua raiz ligada ao trabalho como princípio educativo. Portanto, considera a labuta como elemento fundamental e ontológico aproximando-se, assim, do materialismo histórico dialético. É pelo trabalho que o ser humano cria a possibilidade da humanização e transforma a natureza e a humanidade, porém o trabalho na sociedade capitalista é marcado pela exploração. Assim, o verdadeiro sentido que deve ser dado ao trabalho e à educação é o de formação integral, dotados de sentido e conhecimento completo da produção.

Diante das questões colocadas, é visível a proposta de emancipação humana pelo viés educativo tanto em Marx, como em Gramsci. O compromisso político de ambos os autores com a luta pela hegemonia da classe trabalhadora e pela superação da sociedade capitalista para a formação de uma nova gestão do trabalho e da sociedade demarcam a luta por uma emancipação do ser.

Referências

Frigotto, G (2009). Teoria e práxis e o antagonismo entre a formação politécnica e as relações sociais capitalistas. *Trab. Educ. Saúde.*, 7 (sup.), 67-82.

Gramsci, A (2004). *Cadernos do Cárcere - Caderno 12*. (4a ed.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Gramsci, A (1989). *Intelectuais e a Organização da Cultura*. São Paulo: Civilização Brasileira.

Konder, L (1992). *O futuro da filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Löwy, M (2018). *Marxismo contra o positivismo*. São Paulo: Cortez, 2018.

Manacorda, M (2008). *O princípio educativo em Gramsci: americanismo e conformismo*. (2a ed). Campinas: Alínea.

Marx, K (2004). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial.

Marx, K (2013). *O Capital: Crítica da economia política - Livro I: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo.

Nosella, P (2010). *A escola de Gramsci*. (4a ed.). São Paulo: Cortez.

Nosella, P (2007). Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica. In: *Anais, Encontro internacional de trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.

Sacomani, E (2010) Fascismo. In: Bobbio, N; Mateucci, GP. *Dicionário de política*. Brasília: Ed. UNB.

Sousa Jr, J (2010). *Marx e a crítica da educação: da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutiva do capital*. Aparecida: Idéias & Letras.

Vázquez, AS (2011). *Filosofia da práxis* (2a. ed.). Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão Popular.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Rômulo Vieira de Oliveira – 70%

Wanderson Diogo Andrade da Silva – 30%